

# Uma questão fundamental

Jorge Calvario dos Santos\*

É preciso quebrar a dualidade infernal, ora política, ora econômica que impede a compreensão em profundidade do processo histórico de longo curso em que estamos, nós brasileiros, visceral e dramaticamente envolvidos e que coloca a intelectualidade, que está preocupada com o destino do Brasil, em profunda depressão; a necessidade de adequar o pensamento estratégico brasileiro à realidade e a cultura brasileira. Estamos tratando dos inúmeros e intermináveis conflitos armados, proliferando por toda parte cujo fundo eminentemente cultural não pode ser mais elidido.

Em todos os contextos, seja no discurso político, na própria Constituição Federal, na maioria dos livros, nas análises e na linguagem corrente, a sociedade é dividida em três partes fundamentais. São três os aspectos reconhecidos pela sociedade. A sociedade teria um aspecto político, um aspecto econômico e um aspecto social. Isto tem que causar impacto porque isto é um erro de categorização. Como é que o social é dividido em político, econômico e social? Isso seria o mesmo que disséssemos que o corpo humano é dividido em cabeça, tronco e corpo humano. Quem iria acreditar? Por que é que milhões de pessoas não questionam o fato de que a sociedade, sendo social, seja dividida em política, econômica e social.

Têm algo de errado e profundamente errado nisso. O problema é que isso é uma conceituação aceita por todo mundo, inclusive consagrada, no próprio texto constitucional, que têm um capítulo sobre a ordem política, sobre a ordem econômica e sobre a ordem social. Como isso é possível? O que nós deveríamos ter em lugar disso? O que seria razoável, que não contivesse esse erro de categoria tão flagrante? Basicamente, deveríamos ter o político,

---

\* Cel. Aviador, Doutor em Ciências em Engenharia pela COPPE/UFRJ e Assessor do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra

ficaria o econômico, mas o social deveria ser substituído pelo cultural. Em outras palavras, a sociedade como um todo, comportaria três grandes aspectos: aspecto cultural, o aspecto econômico e o aspecto político. Qual a diferença entre essa proposta e aquela de conceituação corrente. É a introdução do cultural no lugar do social, que entendemos ser um erro de categoria. É algo de inaceitável. É o mesmo que se considerar o caso de um círculo quadrado.

Essa proposta de tomar o social nesses três aspectos básicos: cultural, econômico e político, têm uma razão profunda, porque a sociedade é uma coletividade, é um todo, é um mas comporta individualidades. Logo a sociedade é uma síntese do um e do múltiplo. Se as pessoas se isolassem, se não formassem o um, não haveria uma sociedade e se não tivéssemos individualidade, nós não teríamos uma comunidade ou uma sociedade. Entre pedras não tem sentido falar de comunidade. Por isso, a sociedade, em outras palavras, é uma síntese do um e do múltiplo. Para que ela funcione é preciso que tenha uma força de unificação, uma força de coesão, e esse é exatamente o papel da cultura. A cultura é aquilo que nós temos em comum, apesar das nossas divergências. É aquele fundo comum que, engloba a maneira de ver o mundo, de interpretar, os valores etc. e inclusive, a língua, que é aquele fundo comum do qual todos nós todos partilhamos.

O outro aspecto, é o aspecto econômico. O econômico, pela própria natureza, é uma força de desagregação da sociedade, de diferenciação, porque a própria idéia do econômico é alguma coisa que visa outra coisa. Quando faço um esforço, jogo futebol, com a finalidade de jogar futebol, não estou trabalhando, somente estou trabalhando quando faço alguma coisa com objetivo de visa ganhar dinheiro, para a partir daí, sim, conseguir aquilo que eu quero. Então a própria idéia do econômico, na essência do econômico, eu trabalho é ser outro. Trabalha quem aceita ser o outro da natureza, e o trabalho é mudar a natureza, ou agir sobre outros para mudar a natureza. Então, o econômico, por si, é um produtor de diferenças. Qualquer sociedade que tente imprimir um ritmo acelerado à economia, torná-la pujante, tende a desagregação, a diferenciação entre pessoas, entre grupos e, entre as regiões.

A idéia de competição, está muito amarrada a idéia de dinamismo econômico. Isso todo mundo entende. Não há dinamismo econômico sem um grau razoável de competitividade, que vai produzir diferença. Dessa forma, o econômico jamais produziria igualdade. Então, essa noção de que precisaríamos ter uma justiça econômica, é mais uma vez, o círculo quadrado. Trata-se de uma impossibilidade. O econômico produz diferenciação. Assim sendo, por que é que a sociedade não se fragmenta em função de uma atividade econômica mais acelerada? Porque ela tem um contrapeso, que joga na união do grupo, que é exatamente a ruptura. Estas duas forças, uma de coesão que é a da cultura, e que se articula com a força econômica, que é uma força dispersiva, diferenciadora do econômico e que vão compor então a dimensão política.

O político, seria a síntese dialética desses dois aspectos fundamentais da sociedade. Se não existe essa coesão política, prevalecendo a economia, fragmenta-se a sociedade. E se prevalece em demasia essa força de unificação, a sociedade perde o dinamismo econômico. Tanto é verdade que em determinadas culturas, como no período medieval, diz-se que não havia dinamismo econômico. Não é verdade, havia dinamismo econômico, mas ele era reprimido com ameaças, como a de cortar o braço de um artesão que produzisse alguma coisa fora dos padrões estabelecidos. Vê-se pois que, o dinamismo existia, tanto que existia uma repressão muito violenta. E por que era assim? Por que se coibia o econômico? Porque não havia uma força de coesão cultural suficiente para sustentar um processo dinâmico de desenvolvimento. Isso fragmentaria a sociedade.

É fundamental, que aceitemos como básico, que a sociedade tem três aspectos fundamentais: o político, o econômico e o cultural. Vem a pergunta: Por que se insiste sempre na idéia de que a sociedade é dividida em político, econômico e social. Isso precisa ter uma razão profunda. E se nós analisarmos, um pouco, o que se entende por social, quando se fala que a sociedade tem um aspecto social? O que está por trás disso, nós vamos ver que é, novamente, o econômico. Um econômico “mal”. Identificamos, de um lado, o econômico, e do outro o social, na verdade o que se tem é o econômico “bom”, e do outro lado, o que se chama social, que é o

econômico “mal”. Isso significa que, o que chamamos econômico, na verdade, são apenas aquelas medidas que visam a estabilidade econômica, que visam acelerar o desenvolvimento, etc. Se isto é feito de uma maneira que cria problemas econômicos como os de má distribuição de renda, de desagregação do sistema de saúde, e do sistema educacional, isso não é econômico, mas social. Há pois uma separação entre o econômico “bom” e econômico “mal”.

Costumamos ouvir que o ministro é ótimo. As conseqüências das políticas econômicas, não são econômicas, são sociais, não tem nada a ver com o Ministro. Assim, é através desse mecanismo o que se consegue: primeiro, você cria essa esfera do econômico “bom”; em segundo lugar, você coloca esse econômico “mal”, que nós chamamos de social, em cima do cultural. Ele está exatamente em cima, obscurecendo a compreensão do papel da cultura, e seu papel unificador. E, mais uma conseqüência disso, é que no esquema que nós colocamos, o político é o aspecto que integra o cultural e o econômico.

A dimensão política é a síntese dialética da dimensão econômica e da cultura. Se quiséssemos identificar o social com alguma coisa, não o faríamos em relação ao cultural nem ao econômico, mas ao político, que é a síntese dos dois aspectos. O político, de certa forma, é o equivalente ao social. Isso quer dizer que a cidadania plena é uma cidadania política. Esse obscurecimento do cultural e sua substituição pelo social, quebra essa identificação do político com o social. Quebra a referência que o indivíduo poderia ter com sua responsabilidade política. Assim sendo, temos esses três efeitos ideológicos: separar o econômico “bom” do econômico “mal”; tirar a referência da cidadania e ocultar, o que é o pior, ocultar o cultural, que seria exatamente o lugar onde poderíamos começar qualquer projeto de recuperação de uma sociedade.

Essa substituição na totalidade social do aspecto cultural por uma pseudo faceta social, não resta dúvida, é uma manipulação ideológica. O que intriga é como isso funciona, porque milhares de pessoas aceitam tão facilmente esse erro de categorização. E a explicação só pode ser dada no terreno da psicologia. A criança, tem dificuldade em lidar com coisas contraditórias, o que é bom e

ruim ao mesmo tempo. Ela não é capaz de fazer uma síntese, de aceitar essa unidade de contrários, vale dizer, ela não domina um pensamento dialético. Não há como, pois ela não tem meios lógicos para pensar essa unidade de contraditórios. Como ela pode conviver com isso? A maneira que a criança tem é a de tentar separar as qualidades boas das qualidades ruins. Por exemplo: um pai protetor de um pai ameaçador da castração; uma mãe nutriz de uma mãe que ameaça de devoramento. Diante dessas ambigüidades a criança projeta as qualidades ruins em alguma coisa, num animal, num cachorro. por exemplo, e deixa com que a mãe real fique apenas com as qualidades boas. Projeta todas as qualidades ruins sobre uma outra coisa. Essa é a base do mecanismo fóbico. É assim que funciona exatamente esse mesmo mecanismo de substituição do cultural pelo econômico “mal”. A rigor, o econômico, que é uma totalidade, que reúne aspectos bons e ruins, com qualquer política econômica tem seus aspectos positivos e negativos. As pessoas não conseguem lidar com isto. Dessa forma, quem maneja esse discurso ideológico, se baseia no mecanismo infantil para criar a separação entre o econômico “bom” e o econômico “mal” e tendo ainda a vantagem ideológica de ocultar a dimensão cultural da sociedade, que é fundamental para o entendimento da dinâmica social (Sampaio, 1993).

Para que se tenha uma idéia um pouco mais precisa sobre esse assunto, vale a pena comparar uma sociedade desenvolvida, de centro, hegemônica, com uma sociedade periférica. A primeira, de centro, necessariamente possui os três aspectos de uma forma bem articulada. Ela precisa ter solidez cultural, tem dinamismo econômico e esses dois aspectos vão encontrar um balanço ou uma composição dialética, ao nível do aspecto político. Isso é, exatamente, o que caracterizaria um sociedade de centro. É uma sociedade necessariamente culta. A idéia de que, por exemplo, hoje, os Estados Unidos não tem cultura, é ilusão. Pelo contrário, é uma sociedade que tem uma base cultural bastante sólida, no sentido de que a maioria da população compartilha de valores, de esquemas interpretativos mais ou menos comuns a todos. Nesse sentido, e não no que tenha grandes pintores ou grandes poetas etc. e os tem. Mas não é isso que é o relevante no caso.

Quando se compara essa sociedade com uma sociedade periférica como a nossa, o que vamos encontrar? Vamos ver que o aspecto econômico dessa sociedade periférica, recebe uma influência muito grande da dimensão econômica da sociedade do centro. O que acontece? Nessa sociedade periférica a atividade econômica passa a ter um dinamismo maior do que a cultura permitiria. Isso ocorre porque começa a haver um processo de acumulação de capital, de aumento de produtividade em determinado setor, exigências de qualidade para atender, inclusive, as demandas do centro, então o setor econômico recebe um dinamismo que é induzido de fora. De certa forma ele se torna o lado mais desenvolvido do país subdesenvolvido. É exatamente o aspecto econômico que é mais desenvolvido. Isso cria um problema muito grave, porque ele não tem uma consistência cultural, a sociedade não tem um tecido social cultural que suporte aquele dinamismo.

Mas o que acontece: a cultura deixa de ter sua função de unificação da sociedade. Ela passa a receber a influência desagregadora do econômico. Ela passa a ser função do aspecto econômico. Não há como fazer uma composição dialética a nível do político porque o econômico prepondera sobre o cultural. O que acontece? A política se torna puro reflexo dos interesses econômicos. Isso se encaixa exatamente no esquema marxista de infra-estrutura econômica e superestrutura cultural, pois mostra bem o que é a condição de subdesenvolvimento. Ela é uma degradação porque a rigor, é toda a sociedade periférica que passa a ser parte da economia do país de centro. Isso é uma degradação. Isso nos mostra que um país subdesenvolvido não é o desenvolvido num estágio anterior, ou em menor tamanho ou coisas desse tipo. É uma degradação ontológica, porque todo o seu ser que passa a ser parte do ser econômico do outro. Uma metáfora, assim um tanto grosseira, é a diferença entre o desenvolvido e o subdesenvolvido, ou o centro e o periférico, não a diferença de cavalo para burro, mas é de cavalo para ferradura. É uma degradação ontológica, é uma degradação do ser.

Podemos facilmente compreender que não se pode sair dessa situação sem um reforço do cultural. É a partir do cultural

que se pode restabelecer a força de identidade, a coesão social, para contrabalançar o dinamismo econômico induzido, para então ter uma composição a nível político, e que o político não seja apenas um reforço da dominação econômica. Isso é mais do que claro e deixa bastante flagrante porque é importante ocultar a dimensão cultural da sociedade. Em suma, sem cultura não tem salvação (Sampaio,1993). Para o que quer que uma nação pretenda para seu futuro, deve, preservar sua dimensão cultura. Não há futuro sem que a dimensão cultural de uma nação seja preservada, mantida sua integridade e unidade.

Reduzidas apenas às suas dimensões política e econômica, o homem e a sociedade se vêem irremediavelmente mutilados nas suas essências, e por conseguinte, nas suas potencialidades realizadoras. Acreditamos, também, que a ênfase que aqui será dada aos determinantes lógico-filosóficos pode se constituir, por si só, na mais fecunda estratégia, não só para compreensão da especificidade e significação da cultura, mas igualmente para ulterior compreensão das outras duas dimensões do ser social: a econômica e a política, assim como da complexa trama que as articulam.

Este estudo tem como um de seus objetivos principais, a necessidade de se trazer para o primeiro plano da vida acadêmica, política, cultural e social, a relevância da dimensão cultural, bem como o inseparável vínculo da cultura com a história e com o pensamento estratégico.

## **Bibliografia**

BARTHOLO Jr, Roberto. 1986. *Labirintos do Silêncio*. Ed. Marco Zero/COPPE-UFRJ. São Paulo.

\_\_\_\_\_. 1992. *A dor de Fausto*. Ed. Revan. Rio de Janeiro.

CASANOVA, Pablo Gonzalez. 1995. *O colonialismo Global e a Democracia*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

CASSIRER, Ernst. 1992. *El Mito del Estado*. Fondo de Cultura Económica. México.

CHESNEAUX, Jean. 1995. *Modernidade - Mundo*. Ed. Vozes. Petrópolis.

DOLLFUS, Olivier. 1997. *La Mondialisation*. Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques. Paris.

DOWS, Robert B., 1969. "O Estado bem Organizado" in *Fundamentos do Pensamento Moderno*. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro.

DOLLFUS, Olivier. 1997. *La Mondialisation*. Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques. Paris.

DOWS, Robert B., 1969. "O Estado bem Organizado" in *Fundamentos do Pensamento Moderno*. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro.

FUKUYAMA, Francis. 1996. *O fim da História e o Último Homem*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro.

GILPIN, Robert. 1993. "A Nova Ordem Política e Econômica Mundial" in *A Nova Ordem Mundial em Questão*. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, Reinaldo. 1994. *Transformações Globais, Empresas Transnacionais e Competitividade Internacional do Brasil*. Nº 320. Instituto de Economia Industrial – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 1994. *O Abre Alas. A Nova Inserção do Brasil na Economia Mundial*. Ed. Relume-Dumará. Rio de Janeiro.

GRAMSCI, Antônio 1979. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

HANS-PETER, Martin & SCHUMANN, Harald. 1997. *A Armadilha da Globalização*. Ed. Globo. São Paulo.

HEGEL, G. W. F. 1956. *Ciencia de la lógica*. Libreria Hachete. Buenos Aires.

HUNTINGTON, Samuel P. 1997. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro.

KANT, Immanuel. 1994. *A Paz Perpétua*. LPM Editores. São Paulo.

KISSINGER, Henry. 1994. *Diplomacy*. Ed. Simon & Chuster. New York.

LALOUP, J. et Nélis J. 1955. *Culture et Civilization*. Ed. Casterman. Paris.

LATOUCHE, Serge. 1994. *A Ocidentalização do Mundo*. Ed. Vozes. Petrópolis.

MARCUSE, Herbert. 1967. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Zahar Editores. Rio de Janeiro.

MARITAIN, Jacques. 1959. *O Homem e o Estado*. Ed. Agir. Rio de Janeiro.

MATTELARD, Armand. 1994. *Comunicação - Mundo*. Ed. Vozes. Petrópolis.

\_\_\_\_\_. 1976. *As Multinacionais da Cultura*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

SAID, Edward W. 1995. *Cultura e Imperialismo*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo.

SAMPAIO, Luiz Sérgio Coelho de. 1997. *Multiculturalismo: a insidiosa verdade do inimigo*. Mimeo. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 1996. Palestra realizada em Brasília, a 8 de outubro de 1996, na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Cenários Brasil 2000. Brasília.

\_\_\_\_\_. 1993. *Antropologia cultural, I, II, III e IV*. Vídeo. Rio de Janeiro, EMBRATEL/ UAB.

dos SANTOS, Jorge Calvario. 1994. *A Interferência Cultural das Novas Ideologias*. Trabalho Especial - Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro.

SMITH, Anthony. 1980. *The Geopolitics of Information. How Western Culture Dominates the World*. Oxford University Press. New York.

TINBERGEN, Jan (Coord). 1978. *Para uma Nova Ordem Internacional: Terceiro Informe ao Clube de Roma*. Ed. Agir. Rio de Janeiro.